

BENS CULTURAIS: CAIXA D'ÁGUA – RESTINGA SÊCA (1885); CANTINA MIGOTTO – DONA FRANCISCA (1902); FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA – FORMIGUEIRO (1929)¹

CULTURAL PROPERTY: WATER TANK – RESTINGA SÊCA (1885); MIGOTTO CANTEEN – DONA FRANCISCA (1902); SAINT JOHN BAPTIST PARTY – FORMIGUEIRO (1929)

Sílvia Maria da Rosa Mohr², Neusa Maria Pires Lorentz², Belise Camargo Migotto² e Roselaine Casanova Corrêa³

RESUMO

O município de Restinga Sêca teve origem na doação de sesmarias e na construção, em 1885, da Estrada de Ferro, que ligava Porto Alegre a Uruguaiana. Na altura do Km 512, foi instalada uma caixa d'água, à margem direita da sanga da Restinga, com o objetivo de abastecer os trens. Já o atual município de Dona Francisca teve origem a partir da percepção de Manuel Gonçalves Mostardeiro do grande fluxo de imigrantes que passavam pelo lugarejo. Mostardeiro resolveu então formar uma colônia para a qual várias famílias iniciaram um movimento migratório, possibilitando seu desenvolvimento. Nesse lugarejo se estabeleceu a família Migotto, que instalou na comunidade uma cantina para fabricação de vinho com técnicas que trouxeram de sua terra de origem, a Itália. Embora tenha pertencido a Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul e São Sepé, o município de Formigueiro foi emancipado em 1963. Seu nome deve-se ao fato de ser pousada dos carreteiros que se dirigiam à fronteira platina e foram comparados a um formigueiro pela quantidade de passantes cuja imagem lembrava o movimento das formigas. Já a Festa de São João Batista surgiu como uma das formas de angariar fundos para pagar a imagem de São João Batista, comprada de um viajante, uma vez que era o santo padroeiro da comunidade.

Palavras-chave: Município, história, preservação.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmicas do Curso de História - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA. E-mail: casanova@unifra.br

ABSTRACT

The city of Restinga Sêca was originated from the donation of allotments and with the construction of the railway, which linked Porto Alegre to Uruguaiana in 1885. Around the 512Km, a water tank was set up at the right riverside of the Restinga stream, with the aim of supplying the trains. The present city of Dona Francisca was originated from Manuel Gonçalves Mostardeiro's perception of the great flow of immigrants that passed by the village. Mostardeiro then decided to form a colony to which many families started a migratory movement, enabling its development. The Migotto family settled at this place and set up a canteen at this community with techniques of wine manufacturing that they brought from their native land, Italy. The city of Formigueiro was emancipated in 1963 after belonging to Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul and São Sepé. Its name is owed to the fact it had been stopping for carries that made their way towards the platinum border, compared to an anthill, due to the image of "passed-by" that characterized themselves. The popular festival of São João Batista was way of raising funds to pay for the image of São João Batista, bought from a traveler, once he was the patron saint of the community.

Keywords: city, history, preservation.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, o assunto é o patrimônio cultural material e imaterial, nos municípios de Restinga Sêca, Dona Francisca e Formigueiro. O objetivo foi a identificação de um bem cultural coletivo e a discussão acerca de como tais patrimônios são tratados; a identidade desses em relação à memória e a existência, consciente ou não, da sua preservação, reconstruindo seus aspectos culturais, históricos e fazendo sua divulgação.

Atualmente, é necessária uma melhor interpretação do patrimônio cultural, pois esse é um processo contínuo, que envolve a comunidade com o passado, presente e futuro de um determinado bem material ou imaterial. Por isso, interpretar um patrimônio é valorizar a História, levando a uma melhor compreensão da cultura local.

Nesse aspecto, pouca atenção é dada à cultura local, sobretudo, no que tange hábitos e costumes da população. Portanto, é preciso voltar nosso olhar para a História Cultural, estimulando a curiosidade das pessoas no que se refere ao patrimônio histórico-cultural local. Por que em determinado local se desenvolveram certas culturas que são desconhecidas em outros lugares? É preciso estar atento a esses aspectos que são peculiares em cada região, para interpretar melhor certos patrimônios que podem contribuir muito para o conhecimento histórico.

No presente trabalho, a busca é pela reconstrução dos lugares de memória⁴, nos quais podem ser feitas descobertas por meio da cultura que ainda sobrevive no local. Nesse sentido, é preciso conhecer, desde o início, a formação e população do espaço, entender seu desenvolvimento, seus hábitos e costumes, de forma que essas comunidades possam desenvolver atitudes preservacionistas.

A interpretação patrimonial é uma das formas de refletir sobre questões culturais existentes, como as crenças, o cotidiano e o imaginário⁵ das pessoas que habitam um determinado lugar. No que se refere à História, deve-se buscar a interpretação das identidades locais e regionais, ressaltando a cultura como um dos pontos de partida para se estudar o referido patrimônio.

Assim, é necessário reavaliar os conceitos que dizem respeito ao patrimônio e, a partir daí, conscientizar-se da importância que um bem pode ter para a reconstrução da nossa História. Os patrimônios salientados neste trabalho serão uma das formas para o reconhecimento da História Cultural de Restinga Sêca, Dona Francisca e Formigueiro, por meio da Caixa D'água, instalada para abastecer os trens *Maria-Fumaça* que passavam na então Vila Caixa D'água; da Cantina Migotto, com a cultura italiana por meio da fabricação do vinho colonial; da Festa de São João Batista, celebração católica, comemorada anualmente, em uma parceria da comunidade local com o município, respectivamente.

O texto está dividido em três subtítulos: *Histórico de Restinga Sêca*; *Histórico de Dona Francisca* e *Histórico de Formigueiro*. Tais subtítulos, que apresentam as cidades trabalhadas, estão seccionados em unidades que tratam dos patrimônios locais aqui propostos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta pesquisa, buscamos apoio no referencial teórico da História Cultural, constante na obra de Falcon (2002), *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*, em que o autor define História da Cultura, de caráter individual, e História Cultural, de caráter coletivo. Essa leitura permitiu-nos perceber que, mesmo não estando nossos objetos de pesquisa internalizados, conscientemente na memória das respectivas comunidades, faziam parte de seu cotidiano. A reflexão acerca dos textos de Fonseca (1997), *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil* e de Murta e Albano (2002), *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*, concedeu-nos aportes seguros quanto a conceitos

⁴ Acerca de memória, ver Bosi (1994).

⁵ Acerca de imaginário coletivo, ver Le Goff et al. (1978).

e legislação acerca de patrimônio, de como interpretar esse patrimônio e as comunidades locais em que estão inseridos. Embora a legislação tente implementar políticas de preservação desde o Estado Novo (1937-1945), as ações efetivas de conservação e restauro têm sido incipientes no País. Essa consciência de preservar e pertença permeia as páginas deste texto.

METODOLOGIA

Quanto às fontes primárias, utilizamo-nos de jornais, documentos pessoais, documentos oficiais: Livro de Tombo e Livro de Atas da Paróquia São João Batista de Formigueiro e correspondências oficiais de Restinga Sêca. Com relação às fontes secundárias, baseamo-nos em textos como *Dona Francisca: sua terra, sua gente*, de Casassola (1983) e *Evolução histórica, política e administrativa do município de Restinga Sêca*, de Oliveira (1981), *Histórico de Formigueiro* (FORMIGUEIRO, 2003) e *Os Tempos e os Territórios da Colonização Italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins*, de Saquet (2003). Para referendar o suporte teórico, agregamos o livro de Matos (2002), *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho* e a coletânea de textos organizada por Le Goff et al. (1978), *A Nova História*. Nessa última obra, reportamo-nos, especificamente, aos capítulos *A história do imaginário*, de Evelyne Patlagean e *A história da cultura material*, de Jean-Marie Pesez.

Para o cruzamento das fontes, reportamo-nos à História Oral nos três municípios aqui abordados, por meio de entrevistas com Ana Maria Borges de Borges, Protógenes Solon de Mello, Joanei Luís Migotto, Judite M. Migotto e Maria Beatriz Dellinghausen Lorentz, em Restinga Sêca, Dona Francisca e Formigueiro, respectivamente. Os depoimentos também serviram para acrescentar elementos não-referidos às fontes primárias e secundárias. Os depoimentos foram transcritos e os depoentes assinaram Termo de Concessão de Entrevista, para que aqueles possam, eventualmente, ser publicados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do entendimento que a palavra patrimônio remete à herança paterna, esta foi trabalhada por meio de bens materiais e imateriais: Caixa D'Água (Restinga Sêca), Cantina Migotto (Dona Francisca) e Festa de São João Batista (Formigueiro). A dinâmica social e cultural dos patrimônios identificados representa valores ligados à identidade coletiva de cada município, necessitando proteção e preservação, com ações e significados justificados por essas comunidades.

HISTÓRICO DE RESTINGA SÊCA

O século XVII foi o período de ocupação do território do Rio Grande do Sul e da formação da sociedade sul-rio-grandense. No entanto, somente no século XIX, ocorreu a organização social, político-administrativa e econômica da antiga Província de São Pedro. Esse processo aconteceu nas áreas fracamente povoadas ou devolutas e é intensificado entre 1803 e 1814, período em que há registros de 316 concessões de sesmarias, também existindo grande número de famílias fixadas no interior da Capitania (OLIVEIRA, 1981).

Esses que receberam, em doação, sesmarias de campo eram militares que, com isso, se transformaram em estancieiros. Eles formavam uma nova população na Província e foram se expandindo pelos Vales do Jacuí e afluentes, Lagoa dos Patos, Mirim e interior da Província: Jaguarão, Bagé e Alegrete (OLIVEIRA, 1981).

Em 1858, ocorre intenso comércio no sul dos rios Jacuí-Ibicuí, possibilitando que os caminhos terrestres completem a rede fluvial. Devido ao desenvolvimento econômico, houve necessidade de estradas, vias de comunicação para escoamento da produção e controle de fronteira. Surgem então as primeiras vias férreas com objetivo econômico (OLIVEIRA, 1981).

O município de Restinga Sêca teve origem na doação de sesmarias e na construção da Estrada de Ferro que ligava Porto Alegre a Uruguaiana, em 1885. Na altura do quilômetro 512, foi instalada uma caixa d'água, na margem direita da sanga da Restinga, onde os trens, puxados por locomotiva *maria-fumaça*, paravam para o abastecimento. Com o desenvolvimento da produção agrícola, do comércio e da indústria, foi pedida a construção de uma estação férrea na Caixa D'Água, como era conhecido o local. Com a estação, a Vila passou a ser chamada de Restinga Sêca e, em pouco tempo, ficou sendo um pólo dinamizador na localidade. A emancipação política do município ocorreu em 25 de março de 1959 (OLIVEIRA, 1981).

Entende-se que o impulso, tanto da origem da Vila Caixa D'Água quanto do seu processo de desenvolvimento, incluindo sua emancipação, efetivou-se a partir de uma nova ordem de desenvolvimento econômico no Estado por meio da construção das ferrovias no Rio Grande do Sul.

Caixa d'água – bem cultural imóvel

Muito pouco se sabe sobre o primeiro alicerce erguido da Caixa D'Água, mas, a partir dela, o povoado passou a vila, logo depois a

município. Os anseios de seus primeiros moradores continuam a ser o impulso que move até hoje os restinguenses não só na busca ao progresso, mas também nas tentativas de preservar a sua História por meio de um patrimônio cultural tão significativo a seus munícipes.

No contexto histórico, as cidades são o testemunho do processo de ocupação do nosso território e possuidoras de um patrimônio cultural inestimável, uma vez que são oriundas desse processo histórico. Com esse entendimento, evidenciamos o patrimônio material e imaterial como uma questão fundamental para o futuro e, por isso, não podemos esquecer nosso passado, reconfigurando-o a partir do tempo pretérito.

A partir do que afirma Müller (2001), o período que compreende os anos de 1885-1905 foi decisivo para o desenvolvimento das cidades do interior do Rio Grande do Sul. Em Restinga Sêca, ocorreu o mesmo, quando da instalação da caixa d'água por ocasião da construção da Estrada de Ferro, com percurso entre Porto Alegre-Uruguaiana (1885). Por isso, justifica-se considerar a Caixa D'Água um bem material que deve ser preservado.

Devido à ausência da estação, todo transporte destinado ao povoado por via férrea, procedente da capital do Estado ou de outras cidades, não podia ser desembarcado na vila. As dificuldades eram tantas que os moradores se reuniram e, liderados por Domingos Mostardeiro, dirigiram-se à Viação Férrea de Santa Maria, para pedir a construção da estação na vila. Conseguiram o solicitado, sendo a estação inaugurada no dia 27 de julho de 1898 (OLIVEIRA, 1981).

Conforme Oliveira,

apesar da parada obrigatória dos trens para abastecimento de água, toda mercadoria destinada ao distrito de Restinga Seca e São Miguel só podia ser desembarcada em Jacuí, Estiva ou Arroio do Só, para depois ser transportada em carroças, carretas ou lombo de burro. Em junho de 1898, Domingos Gonçalves Mostardeiro, chefiando uma comissão, dirigiu-se à Santa Maria para gestionar, junto à direção da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, pela construção de uma estação junto à caixa d'água (1981, p. 41-42).

Convém ressaltar que a Caixa D'Água deu origem ao primitivo nome do município. Mais tarde, a vila passou a ser chamada de Restinga Sêca. Em nossa pesquisa, não encontramos, no município, dados precisos sobre a data da construção da caixa d'água, ou a procedência do material e da mão-de-obra. Esse bem patrimonial, após a desativação da RFFSA, ficou à mercê das intempéries e esteve, muitos anos, em precárias condições de conservação, sendo bastante difícil o acesso de visitantes ao local. Assim, era necessária a sua revigoração, pois como cita Murta e Albano,

a interpretação do patrimônio em sua melhor versão cumpre uma dupla função de valorização. De um lado, valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado; de outro, valoriza o próprio patrimônio, incorporando-o como atração turística (2002, p. 13).

Conforme Borges de Borges (2006), Secretária de Cultura na gestão 2001-2004, a sua preocupação surgiu por ocasião de uma visita à caixa d'água, quando alunos de uma escola municipal faziam uma pesquisa sobre a vida e obra de Iberê Camargo. A visita dos escolares tinha por objetivo conhecer a caixa d'água e o lugar, da casa em que o artista nascera. Em fôlder comemorativo aos 40 anos do município (1999), o artista plástico afirmava: "Como poderei esquecer o lugar onde engoli o primeiro gole de ar e senti o primeiro clarão?". Iberê Camargo nasceu no dia 18 de novembro de 1914, ao lado da velha caixa d'água, na Estação Férrea de Restinga Sêca, compondo anos após, a lista de um dos artistas mais originais da pintura brasileira.

Borges de Borges (2006) decidiu que algo necessitava ser feito para preservar esse patrimônio, pois estudantes e turistas teriam que encontrar um local apropriado para visitação. Devido a sua importância na história do município, tal bem deveria apresentar uma estética mais elaborada também como forma de atrativo à visitação.

Vários contatos foram efetuados por parte da Prefeitura Municipal de Restinga Sêca, com a América Latina Logística Ltda (ALL) e a Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), pois a primeira (ALL), através de privatização, passou a usufruir da linha férrea e dos bens da segunda (RFFSA). Entretanto, com referência à caixa d'água de Restinga Sêca, a ALL não teve interesse em investir em sua manutenção, continuando essa cadastrada sob número 6300336, conforme carta número 326/GEJRC/03 de 07 de julho de 2003 da ALL Ltda. à Prefeitura Municipal de Restinga Sêca (2003).

Borges de Borges (2006) acrescenta em seu relato que, após correspondência recebida da RFFSA, foi autorizada à municipalidade a reforma com pintura, iluminação, jardinagem e outras benfeitorias no local da caixa d'água. O município responsabilizou-se com verba e foi realizada uma pesquisa para determinar sua cor, sendo entrevistada Marieta Friedrich Mostardeiro, atualmente com 103 anos de idade, a qual informou que a cor original fora sempre um tom avermelhado (BORGES DE BORGES, 2006).

Após a conclusão dos trabalhos de reforma, houve uma solenidade de inauguração e descerramento de placa comemorativa, contando com a presença de diversas autoridades, quando então foi plantada uma árvore

para lembrar o artista plástico Iberê Camargo (MELLO, 2006). Tal iniciativa partiu de um desejo do artista, expresso por escrito, de reviver (ser lembrado) a partir do gesto sublime do plantio de uma árvore:

Quando eu estiver deitado na planície, indiferente às cores e às formas, tu deves lembrar de mim. Aí, onde a planície ondula, a terra é mais fértil. Abre a concha da tua mão uma pequenina cova e esconde nela a semente de uma árvore. Eu quero nascer nesta árvore, quero subir com os galhos até o beijo da luz. Depois, nos dias abasados, tu virás procurar a sua sombra que será fresca para ti. Então no murmúrio das folhas eu te direi o que meu pobre coração de homem não soube dizer (CAMARGO, 1998, p. 27).

A iniciativa, realizada pelo poder público municipal, está expressa na idéia de que a cultura material é importante para o conhecimento das sociedades, pois possibilita o sentimento de pertença aos cidadãos e o reconhecimento do bem material como seu.

Sob essa perspectiva, a administração municipal do período efetivou uma iniciativa consistente na preservação do patrimônio local, para de reformar a Caixa d'água e torná-la local de sociabilidade. Assim, torna-se significativo percebermos o que vem a ser esse patrimônio, *a priori*, que, pela terminologia sugere pai, lembra herança:

Somos, portanto, herdeiros de nossos pais, os quais nos deixaram uma herança, que chamamos de patrimônio, um legado que pode estar vinculado ao Estado e que nos proporciona um vínculo com a nação e com a Pátria. A produção do conhecimento, a constituição da cidadania e o cuidado com o patrimônio são práticas que devem ser exercidas continuamente (CORRÊA, 2005, p. 5).

A partir dessa assertiva, podemos perceber que o patrimônio material a que nos referimos foi identificado pela Prefeitura Municipal de Restinga Seca, na gestão 2001-2004, e passou por reforma feita pelo poder público municipal, mas possui um certo caráter de herança de antepassados, que necessita ser valorizado pela comunidade local. Isso reforça também o caráter de pertença desse bem à localidade, que o reconhece como local.

HISTÓRICO DE DONA FRANCISCA

A história do município de Dona Francisca está ligada ao nome de Manuel José Gonçalves Mostardeiro que, em 1881, fixou residência na fazenda Santo Antonio, a qual recebera em troca de uma dívida do senhor José Gomes Leal. O município leva o nome de Dona Francisca em homenagem à esposa de Manuel José Gonçalves Mostardeiro (CASASSOLA, 1983).

Em 1882, Manuel José Gonçalves Mostardeiro, após observar o grande fluxo de imigrantes que por ali passava, resolveu formar uma colônia em

sua propriedade e dividiu-a em lotes (CASASSOLA, 1983).

Quando foi concluído o trabalho demarcatório da nova colônia, a notícia se espalhou pelas colônias de Silveira Martins e Santo Ângelo, iniciando-se assim, a procura dessas terras devido à fertilidade dos solos e planura das várzeas dos rios no local. A maior procura ocorreu em 1884, quando 15 famílias deixaram Silveira Martins e iniciaram um movimento migratório para Dona Francisca. A família Segabinazzi é citada como uma das primeiras a fixar-se nessa colônia (CASASSOLA, 1983).

O município de Dona Francisca emancipou-se em 17 de julho de 1965, sendo instalado em 19 de fevereiro de 1967. A emancipação teve início com o movimento pró-emancipação do 5º Distrito de Cachoeira do Sul, cuja sede era a Vila de Dona Francisca, por iniciativa do pároco de Vila Nova Palma, Padre Luiz Sponchiado, em 1958 (JORNAL INTEGRAÇÃO, 2006).

Dona Francisca percorreu uma longa história, desde seu loteamento feito por Manuel Gonçalves Mostardeiro à emancipação política, em 1965. O município ainda está ligado às tradições de seus antepassados, nas quais as práticas da imigração italiana permanecem vivas na cidade e podem ser valorizadas por vários meios inseridos na comunidade, como a fabricação de vinho colonial.

Cantina Migotto - bem cultural imóvel

A Cantina Migotto é um bem imóvel cujo pequeno prédio de alvenaria, construído de tijolos à vista, com paredes espessas, interior temperado e ventilado, é usado para acondicionar pipas de vinho, feito artesanalmente (MIGOTTO, 2006a).

Localiza-se nos fundos da residência da família Migotto, sua proprietária, representada pelos senhores Jonas e Joanei Migotto, limita-se por moradias da própria família e por um acesso lateral à Rua Ernesto Merihg.

Além do valor material do que consideramos como patrimônio cultural, tal bem imóvel também possui valor emocional, pois a atividade de elaboração de vinhos vem de gerações passadas. Os bisavós e avós dos proprietários atuais tinham também como atividade a fabricação artesanal de vinhos. Além de apreciadores dessa bebida, seus produtores são também consumidores do produto (MIGOTTO, 2006b).

No passado, o vinho era fabricado em pouca quantidade e de maneira bastante rústica. O vinho era feito apenas para o consumo familiar e seu fabricante, Ernesto Segabinazzi, tinha o hábito de consumi-lo, diariamente,

Essa era uma prática trazida da Itália, que passou por várias gerações até chegar ao proprietário atual, Joanei Luis Migotto, que recebeu a cantina de seu pai, Jacó Migotto. Este havia aprendido o modo de fabricação do vinho com o senhor Ernesto Segabinazzi, seu sogro.

O vinho era produzido de forma bastante precária: a uva era esmagada com os pés, geralmente pelas crianças da família, depois era colocado para fermentação em pipas de madeira. Essa forma rudimentar de fabricar o vinho veio da Itália, com os imigrantes (MIGOTTO, 2006b). Tratava-se, portanto, de uma produção vinícola incipiente, de preparo caseiro e destinada ao consumo local.

As formas para a fabricação do vinho foram se aperfeiçoando com o passar das gerações. A cantina da família Migotto cuja fabricação do produto iniciou com Ernesto Segabinazzi, não fugiu à regra (MIGOTTO, 2006b).

Segundo o atual proprietário, Joanei Luis Migotto, as técnicas para a fabricação do vinho foram mais aprimoradas, quando a uva, trazida da região de Caxias do Sul para a fabricação desse produto, passou a ser moída em grandes quantidades com uma máquina elétrica.

A cultura italiana está presente na comunidade de Dona Francisca, assim como em várias regiões do Brasil. Saber interpretar um patrimônio histórico-cultural é algo que precisa ser efetivado. Entendemos que é um processo longo, mas necessita ser incorporado à cultura da sociedade, uma vez que, conforme Falcon,

(...) a cultura apresenta-se como resultante de algum tipo de ação (mental, espiritual, ideológica, como queiram) das práticas culturais sobre o respectivo grupo humano (nas práticas), quer em seus aspectos coletivos quer, eventualmente pelo menos em seus componentes culturais (2002. p. 61).

Por meio da cantina de vinhos da família Migotto, foi enfatizada a cultura como ponto de partida para este estudo, pois História Cultural e História Social estão interligadas. É preciso valorizar toda uma tradição que está imbuída na fabricação do vinho colonial e, por ela, buscar a história da tradição italiana em Dona Francisca, que sobrevive até a atualidade.

HISTÓRICO DE FORMIGUEIRO

O singular nome concedido ao município de Formigueiro deve-se ao fato de, no passado, a localidade servir de pousada para carreteiros que se dirigiam à fronteira do Estado do Rio Grande do Sul com a região platina.

A imagem produzida, durante a travessia, pela quantidade de carreteiros, fez com que observadores a comparassem a um formigueiro, daí, o nome dado ao município. Historicamente, podemos afirmar que

o atual lugar de Formigueiro fazia antigamente a sesmaria de São João. O primeiro dono era Matheus Simões Pires por título de 1815. Depois de várias transações veio uma parte a pertencer a João Isidoro Lorentz, que como bom católico deu terreno para a igreja e o colégio, ficando São João Padroeiro (LIVRO DE TOMBO, 1938, p. 3).

Ainda conforme o Histórico do Município (FORMIGUEIRO, 2003), até se emancipar, Formigueiro pertenceu a Rio Pardo, posteriormente, fez parte de Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul e, finalmente de São Sepé, em virtude do desenvolvimento da Província de São Pedro e da criação de novos municípios. Até 1827, o povoado denominado Formigueiro já possuía um núcleo populacional forte e fazia parte do Distrito de São Rafael, subordinado à Cachoeira do Sul (FORMIGUEIRO, 2003).

Em 1876, pela Lei Provincial número 1.029, de vinte e nove de abril de 1876, no governo de Alencar Araripe, foi criado o município de São Sepé cuja sede tinha a denominação de Vila Nossa Senhora da Conceição de São Sepé e abrangia também o Distrito de Formigueiro, inicialmente como 4º Distrito e, a partir do Decreto-lei, número 720, de vinte de dezembro de 1944, do Interventor Estadual, Formigueiro passou a 2º Distrito de São Sepé (FORMIGUEIRO, 2003).

Mesmo que a emancipação do município de Formigueiro não tenha completado meio século, sua trajetória é bem mais longa. Em 1815, a localidade que hoje abrange Formigueiro, fazia parte da Sesmaria de São João, propriedade pertencente a Matheus Simões Pires. Em 1827, já era um povoado, fazendo parte de São Rafael. Foi subordinado, primeiramente, a Rio Pardo, depois à Cachoeira do Sul e Caçapava do Sul, vindo a emancipar-se de São Sepé, durante o Governo João Goulart, em nove de outubro de 1963, pela Lei Estadual nº 4.575, assinada pelo governador Ildo Meneghetti, com sede na vila de mesmo nome.

Festa de São João Batista

A Festa de São João Batista, realizada no mês de junho, em Formigueiro, é um bem cultural imaterial coletivo, mais especificamente, um patrimônio imaterial, pois, segundo Falcon (2002), a História Cultural e a História Social estão interligadas. Isso porque a História Cultural evidencia a ubiquidade do aspecto cultural e a relação existente com a questão social, pois se utiliza das tradições e representações culturais, por

meio das representações, idéias e maneiras de ser do homem, um ser social por natureza.

O louvor a São João Batista tem início na década de 1920, quando cidadãos formigueirenses se reuniam para concretizar a construção da Igreja Católica, no então 4º. Distrito de São Sepé, que recebeu o nome de Igreja São João Batista, padroeiro do local (LIVRO DE ATAS, 1925).

Conforme Ata nº. 5, foi realizada uma reunião, em 27 de junho de 1929, para que fosse registrada a realização da primeira festa para a São João Batista, padroeiro da localidade. Os festeiros foram o Sr. Garibaldi Gonçalves e a Sra. Isadora Pires Costa. A festa realizou-se com tríduo, missa solene, procissão, baile e leilões. Ainda foram sorteados os festeiros do ano de 1930, o Sr. David Dotto e esposa.

Segundo o jornal A Palavra (2006), de Formigueiro, a primeira Festa de São João Batista, em 1929, foi uma das promoções realizadas para arrecadar recursos para o pagamento da imagem de São João Batista:

(...) Contam as pessoas mais velhas, que a imagem de São João chegou até o município através de um viajante, vindo de carreta. Como este viajante sabia que em Formigueiro havia uma Paróquia, cujo padroeiro era São João Batista e não tinha a imagem do Santo, resolveu oferecer. O valor era muito alto na época e as senhoras que cuidavam da Igreja, Dona Basilisa (Nana), Alice Costa, Isadora Costa e Dona Melita afirmaram que não poderiam pagar o preço que a imagem valia. O viajante propôs que deixaria a imagem na Paróquia, e voltaria em outra oportunidade para receber o valor. As senhoras aceitaram, e a partir daquele momento começaram a realizar muitas promoções com o objetivo de arrecadar verba, para desta maneira, poder quitar a dívida. Entre estas promoções, destacou-se a Festa de São João Batista, que virou tradicional e acontece todo o ano no município. O fato mais curioso é que até hoje o viajante não apareceu para buscar o dinheiro, e a imagem segue intacta na Paróquia como sempre foi (JORNAL A PALAVRA, 2006, p. 1).

A Festa de São João Batista é uma festa religiosa que acontece, anual e ininterruptamente, desde seu início, em 1929. É uma tradição no município de Formigueiro e faz parte da vida dos habitantes, pois todos participam dos festejos, independentemente do credo religioso. O envolvimento de pessoas de outros credos pode ser verificado no Livro de Tombo (1938-1957), em que é relatado que, “no ano de 1941, a festa será realizada no terreno da Igreja, pois anteriormente as festas eram realizadas no Salão do Sr. Schumacher, luterano casado civilmente com uma católica” (p. 19).

Inicialmente, em 1929, o casal de festeiros pertencia a famílias diferentes, pois assim, havia um número maior de pessoas para colaborar nas atividades festivas. Após, a comissão a ser formada, constituía-se o casal

de festeiros unidos pelo matrimônio, o Capitão do Mastro, encarregado pelo levante do mastro e o Tenente da Fogueira, responsável pela fogueira. Atualmente, a comissão da festa é formada por quatro casais unidos pelo matrimônio, auxiliados pelo Pároco e Conselho Paroquial (LORENTZ, 2006).

Faz parte da programação da Festa de São João Batista: o levante do mastro, os tríduos (três missas), missa solene no domingo pela manhã, bingo (após os tríduos e domingo após o almoço), fogueira, procissão com a imagem de São João Batista, baile e almoço no domingo (LORENTZ, 2006).

Nas festas atuais, o levante do mastro é realizado na noite que antecede ao primeiro tríduo, quando há o costume de oferecer churrasco gratuito à população que comparece. Essa programação, porém, já foi realizada pela parte da manhã e era antecedida pela missa. Consta-se que, em 1944:

no dia 21 de junho, às 6 horas da madrugada, se iniciou a Festa de S. João Batista na Matriz. Foi rezada missa solene e em seguida se levantou o mastro em frente da Matriz. O Sr. Afonso Faria, capitão do Mastro ofereceu suculento churrasco o qual foi servido em casa de Isidoro Lorentz por causa da incerteza do tempo (LIVRO DE TOMBO, 1938 a 1957, p. 48).

Existe a tradição de que, quando os festeiros não oferecem churrasco à população no levante do mastro, este é destruído pela própria população. A programação da Festa de São João somente não é cumprida na íntegra quando as condições climáticas não permitem, ou seja, quando ocorre chuva. Nesse caso, não são realizadas nem a fogueira e nem a procissão. Com o passar dos anos, algumas modificações foram feitas. Anteriormente, a procissão com a imagem de São João Batista era acompanhada por banda de música. Atualmente, a imagem sai às ruas acompanhada da população que entoia cânticos e orações (LORENTZ, 2006). Ainda sobre os tempos do acompanhamento de banda de música, encontramos:

(...) no dia 24 de junho de 1947, Dia do Padroeiro, houve missa solene e em seguida procissão pela Vila com a imagem de São João Batista. Muito contribuiu para abrilhantar a procissão a presença do Maestro Miguel Ipanema com a Banda de Música de Santa Maria (LIVRO DE TOMBO, 1938 a 1957, p. 60/61).

Após a festa de 1950, conforme Livro de Tombo, a Secretaria do Bispado viu a necessidade de reorganizar os festejos de São João Batista, visto que o resultado líquido apresentado não correspondia às finalidades de uma festa religiosa.

Em 1958, no entanto, segundo o Livro de Tombo (1958 a 1983),

“todas as noites após o Tríduo houve reunião animada com doces e música. Após a missa solene cantada, saiu a procissão pelas ruas da Vila. À tarde, houve leilão grande e generoso”. (p. 3). Ou seja, os festejos de São João voltaram a ter a animação e participação popular.

Os festeiros da Festa de São João Batista são escolhidos através de sorteio, durante o Tríduo que acontece no sábado, dentre os nomes indicados pelos festeiros que realizam a festa. Dificilmente há recusa à escolha, já que existe a crença de que aqueles que não aceitam são atingidos por alguma desgraça ou tragédia. Assim, o festeiro do ano 1939, Sr. Henrique Frantz, não realizou a Festa de São João Batista. Essa foi a primeira vez que houve desistência, conforme registro no Livro de Atas da Paróquia de São João Batista (1939). Nessa época, foi estipulado um valor a ser pago, como multa, para que a desistência não se tornasse um hábito:

Aos 10 de junho realizou-se uma reunião da Comissão da Igreja São João Batista sob a presidência do vigário, estavam presentes os membros João Manoel da Silva e Luiz Lorentz, o Sr. Pavani desculpou-se por motivo de viagem. A comissão tomou conhecimento da comunicação do Sr. Henrique Frantz, que não podia fazer a festa, estando disposto a pagar a multa de 200\$. A comissão resolveu dirigir a festa deste ano, mas foi resolvido elevar a multa para os futuros festeiros, que não queiram fazer a festa, a multa de hoje em diante é de 500\$000. Nada mais houve a tratar e foi assim encerrada a reunião (LIVRO DE ATAS, 1939).

Até os dias de hoje, comenta-se que o nascimento de uma filha deficiente, do Sr. Henrique Frantz teria sido castigo por ele não ter realizado a festa (LORENTZ, 2006). Também houve desistência dos festeiros nos anos de 1940 e 1942. Após essas datas, não há registro de multa para festeiros que se recusaram a realizar a festa.

Nos anos de 1939, 1940 e 1942, a festa de São João Batista foi realizada pelos Fabriqueiros, denominação do Conselho da Fábrica, hoje Conselho Paroquial, conforme Livro Tombo de 1940 e Ata de reunião realizada em 24 de janeiro de 1943 do Livro de Atas da Paróquia de São João Batista (LIVRO DE ATAS, 1943).

A Festa de São João Batista é uma celebração religiosa e possui rituais que marcam a vida cultural, social e religiosa da população de Formigueiro. Uma tradição que completou setenta e sete anos no ano de 2006. Tal festa é justificada pela tradição, pela singularidade e pelo valor religioso e sociocultural que tem para todos aqueles que participam de uma maneira ou de outra para a sua realização. Conserva a sua essência em meio às mudanças e transformações da localidade. Permanece viva por meio da memória, da permanência e da continuidade, nos setenta e sete anos de celebração pela comunidade, nos rituais, crenças e devoção dedicadas ao padroeiro São João Batista. Sob essa perspectiva, justificamos a escolha do

bem imaterial apresentado, tendo como referência que “o tempo da nossa história se acelera vertiginosamente. É um tempo marcado pelas mudanças, transformações e destruições, que contrasta com outros tempos: os tempos de permanências, da continuação e da memória” (MATOS, 2002, p. 32).

A festa iniciou quando o povoado ainda era distrito do município de São Sepé (1929), estendendo-se aos dias atuais. Embora as configurações socioeconômicas e políticas sejam outras, os ritos e a simbologia da Festa de São João Batista permanecem quase os mesmos da década de 1920.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do significado da palavra patrimônio, como sendo uma herança paterna, trabalhamos essa herança por meio de bens materiais e imateriais: a Caixa D'Água (Restinga Sêca), a Cantina Migotto (Dona Francisca) e a Festa de São João Batista (Formigueiro). Tais patrimônios são passivos de ações que justificam o significado de pertencerem aos municípios de Restinga Sêca, Dona Francisca e Formigueiro.

Esses municípios possuíam diferentes peculiaridades, durante os séculos XIX e XX, e essas existem ainda hoje. Percebemos isso a partir dos patrimônios anteriormente citados, os quais passaram a ser nossos objetos de pesquisa desde o momento de sua identificação, enquanto bem cultural material e imaterial.

A partir do pressuposto que a constituição de patrimônio é prática dos estados modernos, nos quais teve início a delimitação desses bens, seja pelo valor que lhes é atribuído como manifestação cultural, seja como símbolo. Por isso, entendemos que é de extrema importância a atuação e a participação da sociedade na construção de conhecimentos para proteção e transmissão de seus respectivos valores a gerações futuras. Dessa maneira, reforçam-se a identidade coletiva, a educação e a formação de cidadãos conscientes.

Neste trabalho, expusemos nossa maneira de olhar a sociedade, a cultura e o patrimônio de cada um dos municípios, a partir dos documentos referidos e das obras consultadas. Buscamos o entendimento à preservação de tais bens por meio da valorização da memória, com a participação da sociedade na construção do conhecimento. Isso, porém, associado à apropriação de práticas políticas de preservação, constituindo-se num conjunto de atividades que visam à proteção dos bens patrimoniais.

Em Restinga Sêca, a Caixa D'Água constitui-se um marco histórico, pois sua construção, em 1885, deu origem à cidade; em Dona Francisca, a Cantina Migotto significa um legado da cultura da imigração italiana,

transmitida através das gerações dessa família e, em Formigueiro, a tradição e singularidade da Festa de São João Batista mantêm, na manifestação religiosa e nos rituais, essa festa, apesar das constantes mudanças do mundo contemporâneo.

Pelo exposto, podemos verificar a importância da divulgação e pesquisa sobre patrimônio em cidades interioranas, considerando que o valor desses bens patrimoniais estão intimamente ligados à identidade coletiva de cada município. Sob esse entendimento, são necessários sujeitos capazes e dispostos à essa forma de comunicação, para que a proteção desses patrimônios tenha significado não apenas às políticas públicas de preservação, mas também eplo agir e pelas significações à toda a comunidade.

Os três bens culturais tratados: a Caixa D'Água, a Cantina Migotto e a Festa de São João Batista constituem patrimônios gerados no passado. Assim, são pertinentes as políticas públicas ou privadas que viabilizem sua permanência no presente, objetivando também um legado para gerações futuras. Tal assertiva baseia-se no que já foi aqui abordado sobre aquilo que é herança de nossos antepassados e o que desejamos transmitir aos nossos sucessores, enquanto seres sociais.

Quando nos referimos a sujeitos capazes de comunicar e divulgar ações que possam influir na preservação dos bens culturais, tratamos das iniciativas públicas ou privadas de conservação e restauro, como pesquisas que tratem do tema. Esse é o caso da Caixa D'Água de Restinga Sêca, da Cantina Migotto de Dona Francisca e da Festa de São João Batista de Formigueiro. O tema aqui desenvolvido não constitui uma pesquisa finalizada, mas o início do que esperamos venha a constituir averiguações mais aprofundadas, quer por nós mesmas, quer por outros pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMARGO, Iberê. Augusto Massi. (Org). **Gaveta dos guardados**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

CASASSOLA, Norma Bernadete. **Dona Francisca 1850 a 1900: sua terra sua gente**. 1983.

CORRÊA, Roselaine Casanova. Educação patrimonial e cidadania: a produção do conhecimento no ensino fundamental. In: JORNADA DE

ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, X, 2005, Santa Maria: **Anais...** Santa Maria: UNIFRA, 2005.

FALCON, Francisco. **História cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FORMIGUEIRO. **Histórico do município**. Formigueiro: SMECDE, 2003.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **A nova história**. Trad. de Maria Helena Arinto e Rosa Esteves. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

MÜLLER, Siomara Ribeiro; LOPES, Caryl Eduardo Jovanovich. **Anais do seminário**: território, patrimônio e memória. Porto Alegre: UFSM, 2002.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. (Org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.

OLIVEIRA, Lacy Cabral. **Evolução histórica, política e administrativa do município de Restinga Sêca**: [Independente], 1981.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento econômico da colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: EST Edições, 2003.

FONTES DOCUMENTAIS

Carta da ALL à Prefeitura Municipal de Restinga Sêca, 07 de Julho de 2003.

Livro de Tombo da Paróquia São João Batista. Formigueiro, 1938 a 1957.

Livro de Tombo da Paróquia São João Batista. Formigueiro, 1958 a 1983.

Paróquia São João Batista. **Livro de Actas**. Formigueiro, 1925.

Paróquia São João Batista. **Livro de Actas**. Formigueiro, 1939.

Paróquia São João Batista. **Livro de Actas**. Formigueiro, 1943.

77ª Festa de São João. **Jornal A Palavra**. Formigueiro, p.1, 16 de Junho de 2006.

Dona Francisca, a eterna namorada do Rio Jacuí. **Jornal Integração**. Restinga Sêca, 21-27 de Julho de 2006, Especial Dona Francisca 24ª semana, p. 1-8.

FONTES ORAIS

BORGES DE BORGES, Ana Maria. **Entrevista concedida à Silvia Maria da Rosa Mohr**. Restinga Sêca, 25 de Agosto de 2006.

LORENTZ, Maria Beatriz Dellinghausen. **Entrevista concedida à Neusa Maria Pires Lorentz**. Formigueiro, 11 de Setembro de 2006.

MELLO, Protógenes Sollon. **Entrevista concedida à Silvia Maria da Rosa Mohr**. Restinga Sêca, 25 de Agosto de 2006.

MIGOTTO, Joanei Luís. **Entrevista concedida à Belise Camargo Migotto**. Dona Francisca, 29 de Agosto de 2006a.

MIGOTTO, Judite M. S. **Entrevista concedida à Belise Camargo Migotto**. Dona Francisca, 29 de Agosto de 2006b.